



EDITORIAL

Mino Carta Heróis às avessas

Bolsonaro consegue perceber que Moro é o entrave às suas ambições eleitorais

O enredo a seguir levaria William Shakespeare a produzir mais uma tragédia, pois não lhe faltam o som, a fúria e a insensatez humana. O bardo de Stratford-upon-Avon capturava trechos de antigas novelas frequentemente italianas e os transformava em obras de imensa poesia, muito além do comportamento dos protagonistas, às vezes tornados heróis ou vilões de porte notável.

Aqui se fala de Jair Bolsonaro e Sérgio Moro, figuras centrais de uma história que nos acabrunha profundamente e condena o Brasil à insignificância. Trata-se, de todo modo, dos intérpretes mais vistosos, e bem-sucedidos até agora, da nossa dolorosa história.

Tudo os aponta como grandes amigos conluiados na tramoia fatal que resultou em um governo demente e seu ministro da Justiça. De súbito, a mudança de rumo, precipitada aparentemente pela ambição do patético ex-capitão que o golpe de 2016, e antes ainda a Lava Jato, acabou por colocar no Palácio do Planalto.

Quais sentimentos inspiram a repentina desavença? A inveja recíproca, certamente, a prepotência de quem se percebe mais forte, o fingimento de nobres intenções em proveito do ardil, a hipocrisia do sorriso maligno. Estamos já a falar das eleições de 2022, quando sabemos da usurpação cometida pelos heróis às avessas. E tragicamente ignorados pela maioria dos cidadãos brasileiros ao sabor de um fenômeno sem similares mundo afora, mundo inquieto, turvo, inseguro, mas hoje a dar os primeiros sinais de resistência, esta impensável nas nossas tristes latitudes.



Foram-se os dias de vinho e rosas

Bolsonaro já cogita de sua reeleição como se a sua primeira eleição fosse perfeitamente aceitável do ponto de vista político, legal e moral. A conspirata urdida para impedir a Lula sua participação no pleito de 2018 invalida tudo quanto se seguiu. Na perspectiva de 2022, desenhada por seu objetivo de continuidade, Bolsonaro enxerga naquele que premiou como ministro o principal obstáculo e cuida de se antecipar ao futuro.

A esta altura, o ex-capitão deve lembrar as loas que a mídia nativa teceu a respeito de Moro para demonizar Lula e o PT, e até de indicá-lo como um possível presidente da República. A popularidade de Moro, desde aqueles tempos de Lava Jato, está em alta lá onde o cidadão ignora da sua cidadania engole qualquer sandice

formulada nos vídeos do horário nobre ou nos editoriais acatados. Quanto à popularidade de Moro, Bolsonaro não se engana.

Nesta edição, André Barrocal trata do confronto latente e gravemente indicativo de uma situação que nos atribui o papel de coro inútil, porque incapaz de reação ou conivente por interesses contingentes. Não há, obviamente, como se mover com a disputa em torno da candidatura a ser teoricamente decidida dentro de dois anos e meio. Shakespeare não escreveu farsas, e sim, entre outros gêneros, comédias. Para o que se desenrola agora, a ser qualificado com precisão, pede-se pela formulação de uma nova terminologia teatral, adequada a um país único na sua desgraça, e brutalmente insensível diante dela. O Brasil assiste impassível à encenação. •

MARCOS CORRÉA/PR